

D'ANCONA, Mathew e THIEDE, Carsten Peter. **Testemunha ocular de Jesus: novas provas em manuscrito sobre a origem dos Evangelhos.** Tradução de Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. Coleção Bereshit, 284p.

Este livro relata os acontecimentos posteriores ao Natal de 1994, quando três minúsculos fragmentos de papiro se transformaram não só em assunto da sensacional matéria de primeira página do **The Times**, de Londres, como tornaram o papiro do Magdalen College de Oxford, na Inglaterra, documento tão importante sob os aspectos teológico, filosófico e cultural, quanto os manuscritos do Mar Morto o são para a história da Igreja e do Cristianismo nascente. O livro faz parte da coleção Bereshit (nome hebraico do Gênesis, que significa princípio), que tem por objetivo informar e esclarecer os mais variados aspectos sobre a Bíblia e publica “obras de história, filosofia, psicanálise, antropologia, arqueologia, ecologia, teologia, religião, línguas e literatura que partem da análise e discussão de textos bíblicos” (p. 280), escolhidos dentre os mais representativos especialistas.

Os autores são especialistas em suas áreas: Thiede é autoridade em manuscritos antigos (papirologista) e diretor do Instituto de Pesquisa Epistemológica de Paderborn, na Alemanha.

D'Ancona, que divulgou o assunto como editor-assistente do **The Times**, de Londres, é pesquisador e bolsista no Magdalen College, em Oxford. Ambos defendem a tese – auxiliada por provas concretas que a corroboram – de que o Evangelho de Mateus é o relato de uma testemunha ocular de Jesus, o que dá título ao livro: o assim chamado “papiro de Magdalen” constitui prova concreta a favor da tradição de que Mateus realmente escreveu o evangelho que leva seu nome, de que o escreveu a uma geração da morte de Jesus e de que as histórias ali narradas são verdadeiras.

A obra está dividida em sete capítulos, precedidos de um prefácio de agradecimentos dos autores aos colaboradores e incentivadores, especialmente, suas famílias às quais o livro é dedicado.

No primeiro capítulo - *O papiro do Magdalen College: introdução* - os autores relatam como o papiro foi encontrado na biblioteca do Magdalen College de Oxford, após permanecer guardado e esquecido por mais de um século, após sua doação. A obra em apreço, dizem os autores, “é uma resposta à torrente de interesse que o papiro de Magdalen despertou. Não é um tratado religioso nem um exercício de persuasão cristã, mas sim uma tentativa de tornar acessível ao leitor comum uma importante descoberta papirológica e suas implicações sobre a datação do novo Testamento e sobre nossos conhecimentos acerca do Cristianismo primitivo. Tenta ser uma nova ponte sobre o abismo entre a investigação científica e as perguntas que qualquer pessoa inteligente deve fazer sobre os evangelhos e seu significado. Tenta promover o debate, assim como responder a essas perguntas” (p.22).

A matéria publicada falava de “três minúsculos fragmentos de papel (o maior medindo 4,1cm x 1,3 cm, com ambos os lados apresentando escrita em grego, com trechos do capítulo vinte e seis de Mateus, descrevendo a unção de Jesus na casa de Simão, o leproso em Betânia e sua denúncia ao chefe dos sacerdotes por Judas Iscariotes” (p. 18). Desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, em 1947, nas cavernas de Qumram, “não se tinha notícia de uma novidade tão potencialmente importante na pesquisa bíblica (a Sotheby’s foi solicitada a fazer uma avaliação dos fragmentos, a pedido da instituição acadêmica)” (p. 22).

O segundo capítulo – *Datas e debates: Mateus e a controvérsia sobre as origens do Novo Testamento* – esquadrinha a vida de Mateus e indaga se ele teria, na realidade, escrito o evangelho que leva seu nome e do qual o papiro é um dos primeiros exemplares; analisa o tipo de homens e mulheres que podem ter sido os primeiros leitores desse antigo códice e de que forma eles o teriam usado. Após criticar os mitos sobre o Novo Testamento (1. período em que os evangelhos foram recebidos, condensados e usados; 2. sua escrita tardia, relacionada com expectativa do segundo advento de Cristo; 3. aceitação ou não da divindade de Jesus), “monta o cenário para os aspectos mais técnicos da papirologia e da origem dos evangelhos” (p. 35): a mais antiga tradição identifica como Levi - Mateus chamado por Jesus enquanto estava em sua coletoria de impostos (posto aduaneiro), perto de Cafarnaum, era um escriba letrado e instruído, judeu de nascimento e nome, membro da tribo dos levitas, servo da palavra como ele se autodenominou, não foi um herói biografado, não foi martirizado e teve morte natural.

O terceiro capítulo – *Investigando o papiro de Magdalen* – começa identificando “a tarefa do papirólogo: a descoberta, a preservação, a identificação e a publicação de antigos manuscritos, por vezes assistidos por arqueólogos que

descobrem o material e pelos filólogos clássicos peritos na técnica de montar textos antigos” (p. 46). Em seguida, são examinados os itens preliminares rolos e códices: a caverna de Qumram e os manuscritos do Mar Morto, o papirólogo em ação: como identificar um papiro, um papiro e seu conteúdo observado e deduzido, a detecção de erros, como o códice chega à maturidade.

O papiro de Magdalen examinado nos relata sua composição: “sobreviveram três pedaços da mesma folha de um códice: de 4,1cm x 1,2 cm, de 1,6 cm x 1,6 cm e de 4,1 cm x 1,3 cm, escritos em grego, no verso e anverso; 15 a 16 letras por linha e aproximadamente 35/36 linhas por coluna; nesta proporção, o Evangelho todo teria 150 páginas” (p. 83/84). A seguir, ele é comparado com o papiro de Barcelona e o Códice de Paris (Evangelho de Lucas).

O capítulo quarto – *A descoberta de uma vida* – “segue os passos do Rev. Charles Bonsfield Huleatt, estudante de Oxford, pesquisador amador e missionário devoto que encontrou o papiro no Egito, mas pereceu tragicamente num terremoto na Sicília, não deixando quase nenhum traço de sua vida e obra. Como os fragmentos que ele descobriu e legou à sua amada faculdade, a história da vida de Huleatt, de seus estudos e de seu desejo de divulgar a Palavra permaneceu na obscuridade por quase um século” (p.24). Filho também de um pastor protestante, Huleatt foi um evangélico devotado e dono de curiosidade intelectual; encontrou por acaso o mais antigo texto do Evangelho existente no mundo. Estudante na St. Paul’s School, seminarista no Wycliffe Hall, foi ordenado em 1888, em Hereford, cura em Swansea e Sussex, aceitou a capelania em Luxor até 1901; antes de assumir o posto em Messina, deixou o papiro com sua mãe, incumbindo-a de enviá-lo ao Magdalen College; os fragmentos foram colocados num mostruário na Antiga Biblioteca, onde lhes “estavam reservadas décadas de obscuridade” (p.140) apesar da maior segurança que jamais teriam em uma terra de ladrões de túmulos, turistas e comerciantes de antigüidades.

O quinto capítulo – *Nova datação do Papiro de Magdalen* – relata como, inicialmente, o papiro foi datado como proveniente do séc. IV A.D. por Arthur Hunt e Bernard Grenfell em 1901, data ratificada por Colin Roberto em 1953; o interesse provocado pela notícia sensacionalista, em 1994, é que foi responsável pelo presente estudo promovido pelo especialista Thiede, assessorado por outros estudos de especialistas como Peter Parsons, Italo Gallo, Herbert Hunger, Young - Kyu Kin, Edgar Lobel, T. C. Skeat, Kurt Schubert, José O’Callaghan, Graham Stanton, Orsolina Montevicchi, Shemaryahu Talmon, George Masueh, Cristine Ferdinand, José Maria Bover, Ramon Roca - Puig e Philip Comfort, entre outros.

O sexto capítulo – *Os escribas e o Cristianismo* – coloca a seguinte problemática: “como os homens fizeram uso do papiro de Magdalen há mais de mil e novecentos anos? E o que nos dizem esses minúsculos fragmentos acerca

do desenvolvimento doutrinário do Cristianismo primitivo? Para arqueólogos, historiadores e estudiosos do Novo Testamento a sociedade judaica, na Palestina do século I, era trilingüe. Ao hebraico (idioma de sinagoga e do templo), aramaico, (língua do dia - a - dia), e grego (língua erudita) juntava-se ainda o latim (dominação romana) e eram acessíveis a todos, nas formas falada e literária” (p.179/180). Nessa sociedade multilingüe constata-se com abundantes provas referenciais, que “Jesus, Paulo e os primeiros cristãos eram tudo menos incultos; caso a situação o exigisse, eles falariam com eloquência e em mais de uma língua; o Cristianismo estava ali para todos e seu objetivo era ser acessível às massas judaicas, aos judeus helenizados e aos procuradores e soldados romanos”. (p. 185).

Prossegue o autor: “Para entender o papiro e outros manuscritos do mesmo tipo (referentes a outras passagens do Novo Testamento e da Bíblia toda) pelo que realmente são, é preciso dissipar um tipo diferente de cortina de fumaça: a das suposições culturais e pressuposições acadêmicas que afetam seriamente a pesquisa bíblica durante todo este século” (p. 206).

No sétimo capítulo – *Fragments de verdade – o Papiro de Magdalen em nossos tempos* – de acordo com a maioria “completam-se dois mil anos do nascimento de Jesus”. Segundo todos os padrões, o Cristianismo constituiu um sucesso fenomenal nos dois primeiros milênios, desde quando seu fundador nasceu em Belém. Existem hoje no mundo 1,8 bilhão de cristãos e, desde a virada do século XIX, calcula-se que foram vendidos mais de seis bilhões de exemplares da Bíblia. O Novo Testamento, do qual o papiro do Magdalen é a mais antiga prova material em códice, já foi traduzido para centenas de línguas e dialetos. Sem dúvida, a batalha acadêmica para identificar a natureza e a origem dos Evangelhos continua acirrada como sempre. Mas os primeiros textos cristãos também continuaram a desempenhar um papel de absoluta relevância na vida moral do Ocidente e na cultura e história do século XX. As questões que dividem os estudiosos da Bíblia, nos seminários e nas bibliotecas, ainda são de importância fundamental para milhões de pessoas comuns, em sua vida diária” (p. 207/208). Continua o autor: “o objetivo deste último capítulo é examinar o impacto da modernidade sobre os estudos bíblicos e avaliar o lugar do papiro do Magdalen no contexto desse conflito cultural” (p. 209), que enfrenta os desafios do ceticismo absoluto e do ateísmo desconfiado de nossos tempos e do mundo pós - moderno da dúvida e do relativismo cultural. Os Evangelhos foram analisados, pesquisados, criticados, negados e refutados sob o ponto de vista intelectual; sob o ponto de vista literário e artístico, foram explicitados sob olhares variados de Nikos Kazantzakis (a última tentação de Cristo), Martin Scorsese, Gore Vidal, Barbara Thiering, George Moore, Elmar Gruber e Holger

Kersten). Em seguida, conclui o autor: “faz-se extremamente necessário um debate imparcial sobre a datação do Novo Testamento, com base em dados dos papirólogos e não em conjecturas arraigadas em preconceitos” (p. 222). A importância da nova datação é então sumariada em suas causas(critérios): 1- material mais antigo é mais confiável como relato do ocorrido; 2- menor intervalo entre vivido e relatado tem menor probabilidade de distorção; 3- e mais conclusivo: “os Evangelhos não são uma especulação doutrinária, mas a confirmação de um fato” (p.224).

A obra se encerra com mais de 230 notas explicativas seguidas de um glossário com a conceituação de trinta e sete termos específicos, cuja compreensão se faz necessária para o entendimento de todo o contexto. Como dizem os autores sobre a obra: “esperamos que sirva de estímulo para um longo e produtivo debate erudito em que a ciência empírica pode provar ser auxiliar da fé e não sua arquiinimiga e que também inspire um interesse mais global nesses temas – o Jesus histórico e os textos do evangelhos – fora do mundo acadêmico, transpondo o abismo

mo entre a universidade e a igreja, a ciência e a fé. As possibilidades são infinitas e a jornada está apenas se iniciando” (p. 228/229).

*Prof.a Maria Helena Grohmann Rodrigues de Paula
(Departamento de Filosofia)*